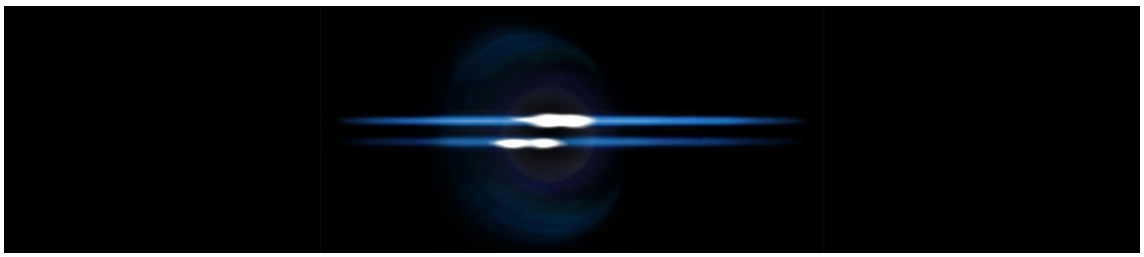
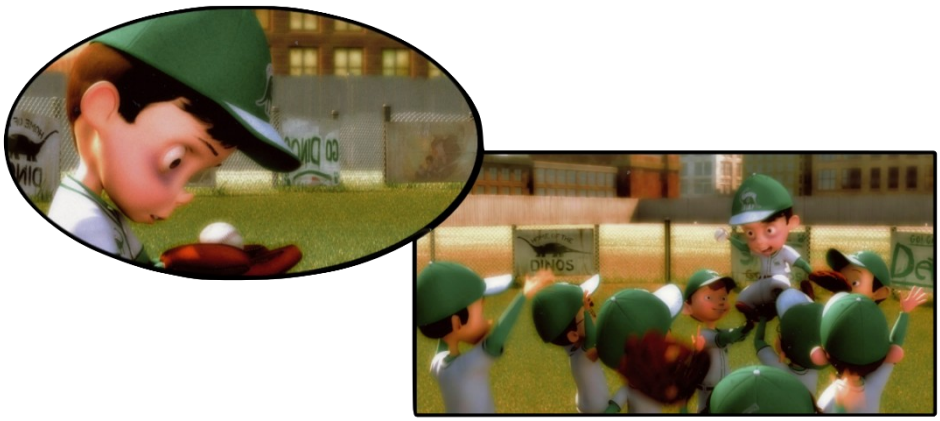


E de repente, eu estava lá outra vez.
Não em um sonho, nem numa memória.

Não, não. Era mais real.
Eu estava LÁ.
De volta àquele lugar. De volta àquele momento.

De pé no meio do campo. De olhos fechados.
Mas meus sentidos não me enganavam.

Eu ainda podia sentir o cheiro da grama.
A esperança nos gritos vorazes vindos
da arquibancada.
O gosto do café que eu tinha tomado
mais cedo naquele dia. Hm...
café gostoso!
E eu pude sentir. Sentir mais uma vez.
A sensação da vitória.



Às vezes eu me pergunto o que teria acontecido se
eu nunca tivesse pegado aquela bola. A que rumos

o destino teria me levado se eu tivesse feito algo diferente.

Às vezes eu queria poder voltar atrás e fazer algo diferente.
E por um momento... eu senti que podia.
Então por que não fiz?

□

Hm... é até engraçado.
O fato de que uma ação tão pequena, uma felicidade tão efêmera, poderia gerar uma reação tão...
□□□□□□□□□□.

EFEITO ROBINSON

- Muito bem, turma! Alguém por acaso sabe me dizer qual é a melhor posição sexual de todas? - Perguntou o professor.

Cornelius:
- Ah, eu sei! Eu sei!

- Diga, Sr. Robinson.

Cornelius:
- É de ladinho, professor!

- Correto, Sr. Robinson! Parabéns! 50 pontos para a Grififoda!

Cornelius:
- Haha!

Goob:
- (Haha o caralho ô filha da puta!) - Pensou antes de partir para a agressão física contra seu colega de classe. Por sorte, ele não fez isso. Não nessa linha do tempo ou qlqr coisa do tipo slá fodase

Goob se retirou da sala de aula, rumando ao banheiro, onde, após uma sessão de diarreia braba, pôde enfim voltar a escrever em seus diários da memória.

“

Querido diário-horário,
Meu nome é Michael Yagoobian —
E eu sei que você já sabe disso,
mas é só pra esclarecer mesmo —
E basicamente... Minha vida tá um cu.
Sem emprego, sem amigos, sem família.
E é tudo culpa dele. Cornelius
Robinson. Outrora meu melhor amigo,
agora meu maior inimigo. Eu costumava
conhecê-lo como Lewis. Isto é, até ele

arruinar minha vida.

Por que ele tinha que ter feito isso? Pra que me acordar no meio do campo? O que ele esperava ganhar com isso? O que ele estava fazendo lá? Tantas perguntas. Poucas resbostas.

Depois que ele fez isso, minha vida foi de mal a pior. Meus pais adotivos? Morreram. Na minha frente. É, só isso mesmo. Só isso de ruim que aconteceu. Mas o pior não é nem isso. Quer dizer, o pior É isso mesmo. Mas tem outra pica nessa história: eu não lembro de nada.

Nenhuma memória sobre o que aconteceu, ou como aconteceu. E sabe qualé o pior? Tipo, o PIOR MESMO?! É que... não é a primeira vez que acontece. Como você acha que eu parei naquele orfanato pra começo de história?*

”

~~*Os pais biológicos dele morreram também, caso não tenha ficado claro. É importante esclarecer quando você nem sabe o que tá escrevendo mas ainda assim continua porque a data de lançamento é amanhã.~~

Goob:
- Argh! Preguiça de escrever nesse formato de diário-horário a história inteira. Vou jogar mais diálogo expositivo barato em decorrência da falta de planejamento e apreço do hipotético escritor desta história por parte da mesma enquanto converso com meu melhor amigo: gordo grego do 1º filme. Digo, de um hipotético 1º filme.

□ □:
- □□ □

Goob:
- Que bom que perguntou, Amigo Gordo Grego de um Hipotético 1º Filme! Posso te chamar de AGGHF?

□ □:
- ☝□ 😑:

Goob:
- Enfim, a faculdade tá um porre. E apesar do fato de que meu objetivo inicial era me matricular neste instituto a fim de eventualmente desvendar os segredos da mente e da memória humana, enfim descobrindo o motivo por trás dos apagões — ou blecautes ☝□ □ — que eu venho tendo desde a infância, eu não contava com uma coisa: eu sou burro pra um caralho.

□ □:
- 😮

Goob:
- Ou seja, eu vou ser reprovado da faculdade onde meu arqui-rival estuda e ainda não vou conseguir solucionar meus traumas do passado. Maldito seja Cornelius Robinson! Esse... esse... — □ — Gênio do caralho!

□ □:
- □□

Goob:
- Pensa, AGGduH1ºF, pensa! O Lewis é um nerd fudido □ o que quer dizer que ele é um inventor. Sua maior invenção?

□ □:
- □ □ ?

Goob:
- Exato! O scanner de memória. E - em um tom malicioso, anunciou - Eu vou roubá-lo!

“

Qualé, nem vem com essa de me julgar! (Aparentemente eu tô falando isso pra um diário)

Enfim... eu PRECISO saber a verdade. Eu preciso saber qual é a dessas minhas memórias reprimidas. E não pense que eu nunca tentei descobrir de formas mais convencionais. Sonhos lúcidos, hipnoses regressivas, máquinas do tempo

compradas no brechó, e esses são só alguns exemplos! Mas, como já era de se esperar, nada funcionou. E é por isso que minha última chance é invadir a casa do Robinson pra roubar a sua mais valiosa invenção 😄
”

Ao entrar na casa pela garagem, cuja porta havia sido deixada aberta por Cornelius, que se esquecera de fechá-la. Irônico dado a invenção que ele guardava na garagem: um scanner de memória.

A namorada de Cornelius na época, Franny, o repreendeu, o forçando a voltar para a garagem pra fechar a PORRA da porta. Ele só não esperava quem encontraria lá.

Cornelius:
- Goob?!

Goob:
- Lewis!

Cornelius:
- O que você tá fazendo aqui? - Perguntou enquanto via seu velho amigo se aproximar de sua invenção - Não faça isso.

Goob:
- Eu preciso. Eu só preciso saber. Saber quem eu sou.

Cornelius:
- E você acha que vai conseguir isso desenterrando memórias possivelmente TÃO ruins que sua mente fez questão de perdê-las?

Goob:
- C-como você sabe dos blecautes?

Cornelius:
- ...

Goob:
- Você sabe dos diários?

Cornelius:
- Eu tinha que fazer isso, Goob. Eu não podia deixar que tudo acontecesse outra vez.

Goob:
- O quê? Do que você tá falando?!

Cornelius:
- Acho que esse segredo eu vou ter que levar pro caixão.

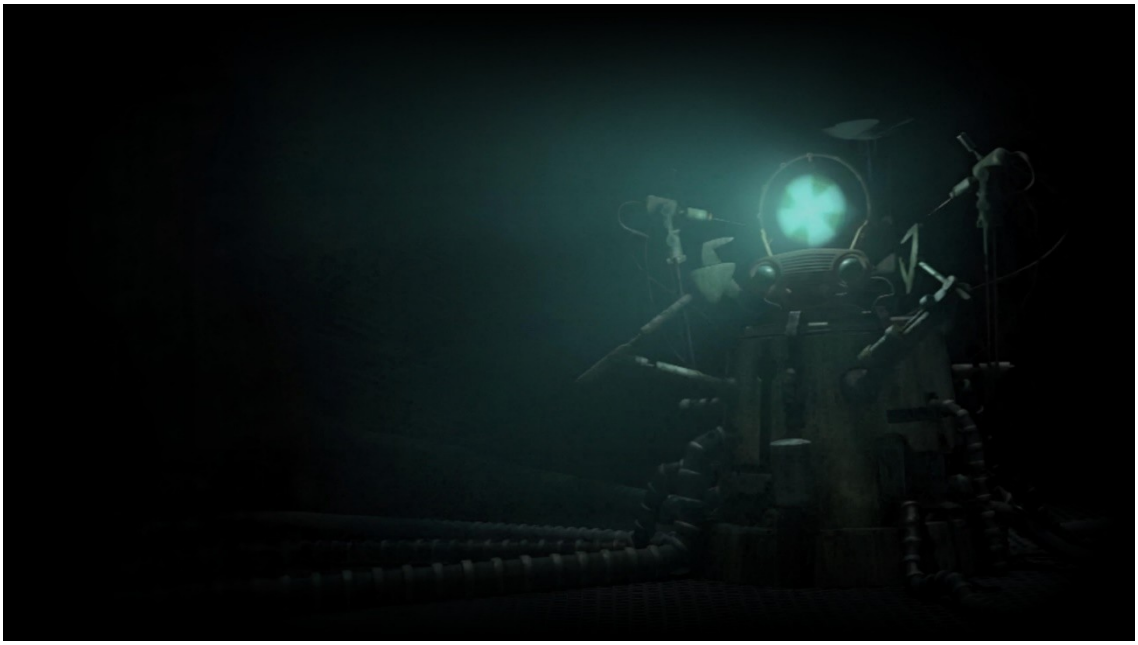
Goob:
- Que segredo, Lewis?

Cornelius:
- É Cornelius! Cornelius. E tem muita coisa que você não sabe sobre o passado e o futuro, Goob.

Goob:
- Meu nome não é Goob.

Cornelius:
- Desculpa... Michael. Mas você está me obrigando a te impedir.

Goob:
- Hm... - Riu - Adeus, Lewis - Despediu-se antes de dar um tiro em seu amigo, que caiu no chão, morto.



“

Eu me aproximei do scanner de memória, e apesar da minha pouca instrução, consegui digitar os dados certos que me deram acesso a um vislumbre do meu passado. A um dos meus primeiros blecautes. Ao jogo de beisebol.

Até que...
aconteceu uma coisa estranha.
De repente, minha visão enturveceu. De repente, a memória daquele maldito jogo de beisebol infantil havia saído da tela.

E de repente...
eu estava lá outra vez.

”